



EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA E ESFERA PÚBLICA: REFLEXÕES ACERCA DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM ESPAÇOS PERIFÉRICOS

Rossana Tenório Cavalcanti¹

Alexandre Simão de Freitas²

Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo problematizar uma experiência formativa desenvolvida em uma organização social, com adolescentes e jovens moradores de uma comunidade periférica da região metropolitana do Recife. Mais especificamente, a intenção consiste em mobilizar o pensamento habermasiano, a partir da ideia de ampliação da esfera pública, para apreender como a educação pode possibilitar a visibilidade e a vocalização dos sujeitos periféricos. Tomamos como objeto de estudo a organização social Observatório de Favelas focalizando o programa Redes de Valorização da Vida (PRVV). Para a implementação do PRVV o Observatório selecionou duas organizações sociais: no Rio de Janeiro, a parceria se deu com o Instituto Vida Real. E, no Recife, a escolha foi pela comunidade do Coque através de uma parceria com o Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis - NEIMFA. Os dados de nossa pesquisa foram construídos através de análise documental e entrevistas com os gestores e formadores que atuaram no PRVV no Recife. As análises revelaram que a escolha por essa organização, contribuiu de forma significativa para a construção de uma rede de interação, cujo eixo central era a visibilidade e a valorização da vida dos sujeitos periféricos. Isto porque, nos termos dos nossos entrevistados, o *jeito peculiar* do NEIMFA mover projetos sociais e educacionais na comunidade do Coque tem permitido que suas ações, de fato, façam sentido existencial na vida dos sujeitos afetados por essa experiência.

Palavras-chave: organização social, juventude, experiência formativa.

EDUCATION, DEMOCRACY AND PUBLIC SPHERE: REFLECTIONS ON THE SPACES IN PERIPHERAL FORMATIVE EXPERIENCES

ABSTRACT: The present study aims to discuss a formative experience developed in a social organization with teenagers and young residents of a peripheral community of the metropolitan area of Recife. More specifically, the intention is to mobilize Habermasian thought, based on the idea of expanding the public circle, to attach how education can enable visibility and vocalization of the peripheral individuals. We take as the object of study the social organization Observatory of Slums focusing on the Programme for Enhancement of Life Network. For implementation of this Programme, that social organization has selected two other social organizations: in Rio de Janeiro, the partnership was with the Institute Real Life and in Recife, the choice was the Community of Coque through a partnership with Educational Center Friars Minor of Saint Francis of Assisi. Data from our study were set up through document analysis and interviews with managers and trainers who worked in the Programme for Enhancement of Life Network. The analysis showed that the choice of this organization helped, meaningfully, to build a network of interactions whose central axis was the visibility and the enhancement of peripheral individuals' lives. This is because, according to our respondents, the *peculiar way* of the Educational Center of Friars Minor of Saint Francis of Assisi moving social and

¹ Mestre em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFPE. Orientador da pesquisa – Professor Doutor Alexandre Simão de Freitas. Email: sanacavalcanti@hotmail.com

² Doutor em Sociologia. Professor Adjunto do Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional – CE/ UFPE. Email: alexshiva@oul.com.br



A Condição Humana: olhares da espiritualidade, educação, saúde e tecnologia.
ISBN: 978-85-65430-11-1 – Instituto de Formação Humana

2

educational projects in the Community of Coque has allowed its actions ,in fact,make sense in the life of benefited individuals from this experience.

Keywords: social organization, youth, formative experience



Considerações iniciais

O presente estudo tem por objetivo problematizar uma experiência formativa desenvolvida em uma organização social, com adolescentes e jovens moradores de uma comunidade periférica da região metropolitana do Recife/PE. Mais especificamente, a intenção consiste em mobilizar o pensamento habermasiano, a partir da ideia de ampliação da esfera pública, para apreender como a educação pode possibilitar a visibilidade e a vocalização dos sujeitos periféricos.

Jürgen Habermas (1929) é considerado um dos mais importantes e influentes pensadores e filósofos da contemporaneidade. Seus trabalhos giram em torno de análises e reflexões sobre direito, democracia, política, economia, psicologia, psicanálise, filosofia política, dentre outros. Como ressalta Bannell (2006) “não é exagero dizer que Habermas é um dos filósofos e teóricos sociais mais importantes hoje em dia; suas ideias e análises vêm penetrando com força nas áreas de psicologia, direito, teoria política e educação, entre outras” (p. 11). Considerado o herdeiro da segunda geração da escola de Frankfurt, Habermas afastou-se, na sua maturidade acadêmica, de seus colegas de cátedra e passou a defender alguns aspectos do Iluminismo como positivos para a construção de um projeto emancipatório.

Sua primeira contribuição para a filosofia e as ciências humanas funda-se no desenvolvimento de uma “teoria da racionalidade”, na qual prioriza a ação comunicativa em detrimento de uma racionalidade estratégica (LOPES, 2008, p. 75). Com essa premissa, Habermas defende a possibilidade da integração social na base de uma racionalidade comunicativa, enfatizando a importância da criação de contextos discursivos em que os cidadãos tornem-se capazes de levantar questões morais e políticas contra uma racionalidade de base solipsista.

É nesse cenário que, em 1981, Habermas publica sua obra mais conhecida, *Teoria da Ação Comunicativa*, em que desenvolve os conceitos de situação ideal do discurso e de ética discursiva. Com a ajuda de Karl-Otto Apel,

propõe um modelo de racionalidade comunicativa que considera os efeitos que o poder exerce sobre o discurso. Procura construir uma estrutura discursiva não opressora e universalista, fundamentada em um desejo inerente pelo entendimento mútuo das ações discursivas. (LOPES, 2008, p. 76).



Habermas também tem contribuído de forma significativa com o campo educacional, ainda que suas análises não estejam diretamente ligadas com a educação formal. Segundo Bannel (2007), as discussões sobre processos educativos mais abrangentes no pensamento habermasiano podem fornecer *insights* importantes para apreender outras formas de educação que têm repercussões diretas na materialização de experiências formativas que focam uma população específica, neste caso, os moradores de comunidades periféricas. A educação, no pensamento habermasiano é entendida no sentido mais abrangente possível, “acolhendo processos de formação social, cultural e científico, em todos os espaços onde acontecem”. (BANNEL, 2007, p. 293).

Desse modo, para Habermas, as instituições como a escola e outros espaços educativos, a exemplo das organizações sociais, tem um papel formativo essencial tanto na dimensão pessoal quanto na dimensão coletiva, gerando processos coletivos de aprendizagem vitais para a democratização dos espaços sociais.

Assim, na intenção de responder os questionamentos aqui levantados, apresentaremos, inicialmente, uma discussão sobre o conceito de *Esfera Pública* a partir da teoria do filósofo alemão Jürgen Habermas. Bem como suas contribuições para o campo educacional. Em seguida apresentaremos uma reflexão a cerca da contribuição das organizações sociais para a construção de redes de interação, na qual o eixo central seja a visibilidade e a valorização da vida dos sujeitos periféricos. De modo que as experiências formativas movidas por essas organizações, de fato, venham a fazer sentido existencial na vida dos sujeitos afetados por essa experiência.

Pensando o conceito de *Esfera Pública* a partir da teoria de Jürgen Habermas

Em se tratando da definição de esfera pública, para este pensador, é preciso, primeiramente, levar em conta a distinção entre a esfera do poder público e a esfera da opinião pública. Isso porque a análise feita por Habermas sobre o conceito de esfera pública tem a intenção de evidenciar as transformações e funções de uma categoria social burguesa que acompanhou todas as fases de mudanças políticas do capitalismo. Na obra *A Mudança Estrutural da Esfera Pública* (1962), encontra-se uma crítica radical da “opinião pública” de massa e da vulgarização das discussões da esfera pública sob o império das leis do mercado.



Habermas demonstra preocupação, portanto, em manter a separação entre a esfera privada e pública, evidenciando como estes dois elementos emergem nas discussões que são travadas no seio da sociedade liberal. Logo, a compreensão da natureza e do papel da esfera pública passa pela diferenciação entre o Estado, enquanto poder ou setor público, detentor da propriedade pública e do poder político e responsável pela administração da sociedade; e a própria sociedade, composta pelos interesses privados, no interior da qual se pode identificar uma esfera da opinião pública que se contrapõe ao poder público, ou seja, a esfera pública política.

A própria “esfera pública” se apresenta como uma esfera: o âmbito do que é setor público contrapõe-se ao privado. Muitas vezes ele aparece simplesmente como a esfera da opinião pública que se contrapõe diretamente ao poder público. Conforme o caso, incluem-se entre os “órgãos da esfera pública” os órgãos estatais ou então os mídias que, como a imprensa, servem para que o público se comunique (HABERMAS, 2003, p. 15).

O setor privado abrange, nessa formulação analítica, tanto o campo da sociedade civil, enquanto setor de trocas de mercadorias e de trabalho social, quanto a esfera pública política, definida como uma esfera composta por pessoas privadas reunidas em um público. Estas pessoas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade na intenção de discutir com a própria autoridade as leis gerais da troca na esfera essencialmente privada (HABERMAS, 2003, p. 42). A esfera pública, então, seria uma dimensão da sociedade civil, um componente essencial para a democracia e um *locus* no qual são gerados consensos que penetram nas instâncias administrativas.

Assim, por esfera pública Habermas entende o conjunto dos movimentos, organizações e associações que levam os conteúdos da opinião pública, condensando-os e transmitindo-os para a esfera pública política. Trata-se de um espaço formado por associações e organizações livres que conectam as estruturas de comunicação da esfera pública com os componentes sociais do mundo da vida. É exatamente em virtude desta sua estrutura que a sociedade civil se distingue da própria esfera pública.

Para Habermas, a existência de uma esfera pública politicamente ativa é fundamental para a consolidação dos regimes democráticos, já que a esfera pública tem que reforçar a pressão exercida pelos problemas, isto é, ela não deve se limitar a perceber e identificar problemas. Precisa, antes de tudo, tematizá-los, problematizá-los e dramatizá-los



publicamente de maneira convincente e eficiente, a ponto de serem assumidos e elaborados pelo próprio Estado.

Coloca-se, neste contexto, a exigência simultânea de tradução das questões privadas em questões políticas e o controle do poder público pelos organismos da sociedade civil, o que já permite enxergar a relação íntima e intrincada que se estabelece no seu pensamento entre o público e o privado, entre a política e a sociedade. Na ótica habermasiana, o Estado de direito figura como o detentor legítimo do poder. Ele representa a vontade da maioria, fonte de legitimidade da soberania democrática. A sociedade civil, por sua vez, aparece como o eixo transmissor dos problemas sociais que não possuem força representativa necessária para serem defendidos pela classe política e, exatamente por isso, funciona como defensor dos direitos das minorias. Ambos são elementos essenciais e complementares do jogo democrático³.

No livro *A Inclusão do Outro*, publicado no Brasil em 2002, ao tratar dos modelos normativos de democracia, Habermas também assevera a supremacia da democracia deliberativa onde o procedimento poderia ser desdobrado em formas discursivas e regras argumentativas na compreensão de um modelo democrático que representaria a própria auto-organização política da sociedade. Os pressupostos democráticos clássicos (soberania, vontade popular, poder administrativo, formação de opinião e da vontade através das eleições gerais e decisões parlamentares) estariam presentes, porém, a democracia passa a se referir diretamente à estruturação de núcleos ativos de formação pública da vontade.

[...] a política deliberativa, realizada ou em conformidade com os procedimentos convencionais da formação institucionalizada da opinião e da vontade, ou informalmente, nas redes da opinião pública, mantém uma relação interna com os contextos de um universo de vida cooperativo e racionalizado. Justamente os processos comunicativos de cunho político que passam pelo filtro deliberativo dependem de recursos do universo vital – da cultura política libertadora, de uma socialização política esclarecida e sobretudo das iniciativas de associações formadoras de opinião –, recursos que se formam de maneira espontânea ou que, em todo caso, só podem ser atingidos com grande dificuldade, caso o caminho escolhido para se tentar alcançá-los seja o do direcionamento político (HABERMAS, 2002, p. 284).

³ Decorre dessa compreensão a importância estratégica do conceito de *público* que julga os assuntos que lhe são comuns e respalda os direitos do particular frente ao poder político e frente aos outros indivíduos com a denominação de direitos subjetivos (HABERMAS, 2003).



Para isso, a razão prática precisaria se deslocar dos chamados *direitos universais do homem*, bem como da eticidade concreta de uma determinada comunidade com sua estrutura particular de valores e bens, para a consolidação de regras discursivas e formas argumentativas capazes de extrair seu teor normativo da base validativa de uma ação que se orienta ao estabelecimento de um acordo mútuo (HABERMAS, 2002, p. 278). Ao fazer a vinculação da teoria do discurso ao estabelecimento da democracia deliberativa, Habermas está propondo, na verdade, a superação da ideia de soberania popular, alicerçada nos pressupostos da filosofia da consciência, e advogando a formação de um novo enfoque através da intersubjetividade fundada a partir do discurso, sob os auspícios de um paradigma pragmáticolinguístico.

Sua intenção de reconstrução do conceito de sociedade civil passa, então, por três suposições básicas: uma cultura política acostuada ao exercício das liberdades, isto é, a existência de um mundo da vida racionalizado; a criação de esferas de influência das reivindicações da sociedade civil sobre filtros procedimentais de formação democrática, para isso considera a importância do poder comunicativo na criação dessas zonas de influência na produção legítima do direito; e por fim, a influência da sociedade civil através da esfera pública política sobre o Estado e a ordem jurídica, e conseqüentemente a possibilidade de intervenção sobre as decisões do Estado, especificamente na criação de espaços de discussão comunitários.

Mais ainda: para Habermas (1997) o conflito existente entre Estado, mercado e mundo da vida é o fator chave que leva este último a se organizar em movimentos sociais fundadores da democracia, atuando como fonte de legitimidade para a produção de princípios normativos no âmbito de uma racionalidade comunicativa. A esfera pública constitui o lócus de disputa entre os princípios divergentes de organização da sociabilidade, e os movimentos sociais são os atores por excelência que reagem tanto à burocratização quanto à reificação, sugerindo a defesa das configurações de sociabilidade ameaçadas pela racionalidade sistêmica (burocrática ou mercantil).

Esses movimentos disputam com o Estado e o mercado a preservação de um espaço autônomo e democrático de organização, de formação de identidade e solidariedade. Decorre daí sua importância para a esfera pública política, a qual deveria fundar-se como espaço do debate público e do embate dos diversos atores da sociedade civil organizada. Este espaço público autônomo apresentaria uma dupla dimensão. Por um lado, desenvolve processos de



formação democrática da opinião pública e da vontade política coletiva. Por outro lado se conecta a um projeto de ação democrática efetiva, em que a sociedade civil se torna uma instância deliberativa e legitimadora do poder político, na qual os sujeitos são capazes de desempenhar seus direitos.

O mais importante para os propósitos desse estudo, no entanto, é o fato de Habermas defender que o conhecimento não é construído pelo indivíduo isoladamente, mediante uma relação sujeito-objeto, mas numa relação intersubjetiva e cultural, mediada concretamente pelas ações sociais. Assim, a aprendizagem da vontade coletiva se dá de maneira distinta, mas complementar nos três mundos (o mundo natural, o mundo social e o mundo da vida)⁴, porém na terceira dimensão, que é o mundo da vida, os atores sociais têm um papel ativo privilegiado (BANNELL, 2006), uma vez que é neste lugar que, segundo Habermas, estes podem

[...] reciprocamente colocar a pretensão de que suas declarações se adequem ao mundo (objetivo, social ou subjetivo) e onde eles podem criticar e confirmar a validade de seus intentos, solucionar seus desacordos e chegar a um acordo (HABERMAS apud BANNELL 2007, p. 281).

O mundo da vida é composto por associações voluntárias dotadas de autonomia e auto-organização em relação ao mercado e ao Estado, configurando a *sociedade civil*. O termo sociedade civil significa, nesse contexto, a esfera da solidariedade social e da ação comunicativa. Suas organizações teriam por objetivo os processos de formação de identidade, produção de solidariedade e argumentação moral visando à constituição de uma esfera política pública *entre* o Estado e o mercado. Dessa compreensão é possível extrair uma concepção original acerca dos processos de aprendizagem que ocorrem nas experiências educativas das organizações da sociedade civil.

Contribuições do pensamento habermasiano para o campo educacional

⁴ Habermas considera três dimensões fundamentais imbuídas nas práticas comunicativas dos sujeitos entre si: o mundo natural, o mundo social e o mundo da vida. O mundo natural se dá pela construção dos conhecimentos que se julgam verdadeiros sobre os estados das coisas, o mundo social se dá por meio tanto da crítica quanto do resgate de valores morais e simbólicos que implicam nas formas de comunicação entre os sujeitos. O mundo da vida se refere à expressividade do eu em questões mais subjetivas como as relativas aos sentimentos e necessidades.



Embora Jürgen Habermas não tenha se detido em analisar diretamente as práticas pedagógicas nas instituições educacionais formais ou não-formais, a educação figura de forma abrangente no seu pensamento (SCHÄFER, et. all., 1982; PUCCI et all., 1994; FREITAG, 1986; PRESTES 1996). Admite-se que ele analisou questões que envolvem os processos de aprendizagem nas dimensões ontológicas da existência humana. A aprendizagem em seu sentido mais amplo, para Habermas confunde-se com a própria *Bildung*, ou seja, com a aprendizagem por meio de interações culturais. Assim, para ele,

a aprendizagem deveria ser compreendida no sentido mais abrangente possível, abrangendo processos de formação social, cultural e científicos em todos os espaços onde acontecem. Em outras palavras, a Educação deveria ser entendida como *Bildung* (formação), um conceito central a Educação moderna. (BANNELL, 2007, p.293).

Para Habermas, a aprendizagem dos sujeitos se dá de forma reflexiva utilizando uma racionalidade discursiva⁵. É essa racionalidade que contém o potencial de emancipação social e autonomia individual, contribuindo para a solução de problemas presentes na vida humana. Sua teoria do agir comunicativo fornece *insights* importantes para pensar de outras formas a educação, impulsionando a reflexão acerca dos processos dialógicos que ocorrem na ação educativa, tanto nas instituições formais quanto nas organizações da sociedade civil que desenvolvem projetos educacionais.

De acordo com Bannell (2007), a educação no pensamento habermasiano indica o desenvolvimento da competência comunicativa como algo capaz de fazer os sujeitos se apropriarem da diversidade cultural existente de forma reflexiva, potencializando a formação de acordos voltados a possíveis transformações no meio social. A educação, ao assumir esse caráter abrangente de formação do sujeito, está interligada a ideia de que o conhecimento não é construído de forma isolada, mas de uma maneira sociocultural ou intersubjetiva em que,

a sociedade e o indivíduo constituem-se um ao outro reciprocamente. Cada processo de integração de contextos de ação é simultaneamente um processo de socialização de sujeitos capazes de fala e ação, que são formados nesse

⁵ Em sua teoria da ação comunicativa, Habermas trata da questão da racionalidade, a partir de uma análise bem particular acerca da ideia de razão clássica. Para ele os processos de aprendizagem e a construção coletiva da sociedade, da cultura e da pessoa acontecem através da interação social e das práticas de linguagem desenvolvidas numa dada sociedade. De acordo com este autor a teoria da ação comunicativa se propõe a investigar a razão inscrita na própria prática comunicativa cotidiana e reconstruir a partir da base de validade da fala um conceito não reduzido de razão. (HABERMAS, 1987a).



processo e que, por sua parte e na mesma medida, renovam e estabelecem a sociedade como a totalidade de relações interpessoais ordenadas legitimamente. (HABERMAS apud BANNELL 2007, p. 293).

No desenrolar do pensamento habermasiano as instituições como a escola e outros espaços educativos, a exemplo das organizações sociais, estão incluídas no todo que é o processo educacional no mundo contemporâneo. Porém, como afirma Bannell (2007), o desafio seria desenvolver a compreensão de que o processo educativo é,

a formação simultânea do indivíduo como indivíduo insubstituível, com identidade pessoal e projeto de vida; como membro de um grupo social e cultural qualquer com sua identidade cultural, étnica, racional etc.; bem como cidadão, ou seja, membro de uma comunidade política maior, que abrange grupos sociais diferenciados. (p. 294).

Para a teoria habermasiana a educação deveria ser entendida no sentido mais abrangente possível, acolhendo processos de formação social, cultural e científicos, em todos os espaços onde acontecem. O fortalecimento da ação comunicativa, mediante dinâmicas educativas plurais, tornaria possível a construção de uma identidade pós-convencional, contribuindo para formar sujeitos autônomos, racionais e reflexivos.

Nessa perspectiva, para interferir na democratização das relações sociais os atores sociais precisam estar conscientes das possibilidades e limites de uma atuação concreta transformadora, ao mesmo tempo em que devem desfrutar de uma autonomia moral e intelectual que lhes permitam agir de acordo com suas próprias convicções. Esta autonomia é um constructo, vinculado ao desenvolvimento pessoal da faculdade de se autogovernar e ao desenvolvimento institucional no sentido da conquista do direito de se reger por leis próprias. A criação de condições favoráveis ao exercício da autonomia é um processo que exige investimentos no sentido do desenvolvimento integral das personalidades dos sujeitos, ao mesmo tempo em que requer uma ação centrada sobre a criação de condições sociais favoráveis ao exercício da autonomia em organizações sociais efetivamente existentes. Caberia a essas organizações abrir espaços para a emergência de uma nova racionalidade capaz de favorecer a reconstrução da sociedade e a reivindicação de espaços públicos.

Esse processo somente será viável no desenvolvimento de uma ética, incorporada em contextos organizacionais concretos, que fundamente ações sociais que visem ao bem coletivo. Daí a importância das instituições que compõem a sociedade civil como tematizada



pelo pensamento habermasiano. Pois, a partir delas é possível formar não apenas sujeitos mais íntegros, em sua autonomia pessoal, mas também sujeitos mais solidários capazes de atuar na esfera pública, intervindo ativamente junto às organizações sociais no processo de visibilidade dos sujeitos periféricos.

É dentro desta visão que o pensamento habermasiano foi mobilizado para problematizar uma experiência educativa desenvolvida junto a adolescentes e jovens moradores de uma comunidade periférica. Trata-se de uma ação desenvolvida no âmbito da organização social *Observatório de Favelas* sediada no Rio de Janeiro.

Um jeito peculiar de trabalhar com a juventude nas periferias: a *Valorização da Vida* como proposta pedagógica

O *Observatório de Favelas*, criado em 2001, se estrutura em torno de três vertentes que organizam e orientam suas ações específicas: *Direitos Humanos*, *Desenvolvimento Territorial* e *Comunicação e Cultura*. (FERNANDES et. al. 2009, p. 18-19). No eixo de ação em *Direitos Humanos* o *Observatório* propõe criar metodologias e políticas públicas que sirvam de exemplo para a redução da violência letal, principalmente contra o público juvenil das periferias urbanas, como também desenvolver projetos que contribuam com uma política de segurança cidadã, baseada na valorização da vida. Os programas inseridos neste eixo são: *Rotas de Fuga*, *Redução da Violência Letal contra adolescentes e Jovens* e *Redes de Valorização da Vida - PRVV*.

O *Programa Redes de Valorização da Vida* se insere dentro de uma estratégia ampla articulada entre a difusão dos marcos conceituais e metodológicos desenvolvidos pelo *Programa Rotas de Fuga*, vinculada ao fortalecimento de organizações parceiras locais e a estruturação de novas práticas voltadas para a prevenção da violência letal. E, para a implementação do *PRVV* o *Observatório* selecionou duas organizações abertas a esses objetivos. No Rio de Janeiro, a organização parceira escolhida foi o *Instituto Vida Real* que atua, desde 2005, na Favela da Maré onde desenvolve trabalhos junto a adolescentes e jovens. E, no Recife, a escolha se deu pela comunidade do Coque como área de implementação do



PRVV, a partir de parceria com o Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis – NEIMFA.

O NEIMFA é uma organização social que atua há mais de 25 anos na comunidade do Coque no município do Recife/PE. Atua principalmente na área de educação, comunicação e cultura, atendendo a diversas famílias desta comunidade, com ações voltadas a todas as faixas etárias, dentre suas ações destacam-se: Formação em Valores Humanos e Cultura de Paz; Formação de Educadores Holísticos; Formação de Agentes de Desenvolvimento Comunitário. A escolha da comunidade do Coque não foi casual já que os indicadores apontam que, ao longo de várias décadas, essa é uma das comunidades mais violentas do Recife. A comunidade é comumente associada, na mídia à violência e criminalidade. Representações que têm sido alvo de preocupação de várias organizações que atuam no local, os quais compreendem que essa forma de lidar com os problemas do bairro, através da mediação da violência, produz efeitos perversos na estruturação dos modos de vidas dos sujeitos. Na última década, diferentes coletivos locais se articularam e criaram uma rede denominada *Rede Coque Vive* com o objetivo claro de problematizar as representações produzidas sobre os espaços e os sujeitos populares, ao mesmo tempo em que desenvolve ações de produção de novas representações ancoradas na memória e no pertencimento comunitário.

Assim, ao nos reportarmos à proposta pedagógica trabalhada pelo NEIMFA, uma questão que foi imediatamente ressaltada pela maioria dos sujeitos entrevistados foi o *modo peculiar* dessa organização em atuar junto a crianças, adolescentes, jovens e adultos da comunidade do Coque. Os gestores entrevistados fizeram questão de enfatizar que, ao longo de sua existência, o NEIMFA tem desenvolvido uma maneira própria de trabalhar com esses sujeitos, levando-os a refletirem sobre sua condição política e social e a necessidade de resgatar e valorizar suas origens.

A matriz, digamos assim humanista, do NEIMFA né, [...] Tudo isso levava a uma perspectiva de valorização da vida sob outro enfoque né; não só o enfrentamento de homicídios através de projetos de qualificação profissional, que é algo importante, mas principalmente a preocupação com os projetos de vida das populações e dos jovens das periferias. (G3)

A questão da vinculação com a comunidade, da presença e do tempo que se disponibiliza para simplesmente *estar com* essas pessoas foi um fator central na configuração



da proposta pedagógica desencadeada. Os processos formativos têm por base a construção e a valorização contínua dos laços humanos que se estabelecem nas relações intersubjetivas.

O NEIMFA consegue associar características de uma organização social local com características de grupos de produção de conhecimento e reflexão de realidades e produção de conceitos né, com um viés espiritualista muito forte, não religioso [...] Quando eu digo assim, espiritualista, é no sentido de promover uma vinculação muito forte entre as pessoas. (G3).

Mas não se trata, aqui, de uma idealização das formas de vida comunitárias como uma reação aos problemas provocados pela expansão de uma sociedade destradicionalizada. Em nenhum momento, captamos esse caráter romantizado das relações comunitárias. Muito pelo contrário. A percepção hegemônica foi complexa e multifacetada do espaço comunitário, sempre tematizado a partir de uma relação indissociável da cidade. O problema, para os gestores, não era polarizar a comunidade *versus* a cidade (ou a sociedade), porém resgatar formas de ancoragem da cidadania mais sintonizadas com a defesa e a valorização da vida dos sujeitos.

Veja tinha assim uma visão de comunidade que passava desenvolvimento pelos sujeitos de formas possíveis de transformação da sua realidade. A partir daí, a estrutura comunitária era vista como uma formação nitidamente política, já que os vínculos comunitários eram ressignificados como meio de produzir novas formas de relação com a cidade. (G3).

A comunidade não emerge como o “outro nome de paraíso perdido” (BAUMAN, 2003, p. 09), mas como espaço concreto de reflexão coletiva sobre a realidade; na verdade, como uma experiência que permite vislumbrar modos outros de se continuar atuando coletivamente, mediante mudanças significativas na vida das pessoas que, por sua vez, passam a se interessar e se sentir responsáveis por tudo que simboliza os valores comuns. Dessa ótica, a *Rede de Valorização da Vida* foi percebida como um dispositivo simultaneamente, político e pedagógico. Daí o destaque dado à *Rede* como uma *rede viva*. Uma rede nutrida pelo desejo de fomentar a vida dos sujeitos implicados, o que implica fornecer uma visibilidade *positiva* à comunidade onde os mesmos encontram-se enraizados.

Nós já tínhamos a Rede Coque-Vive, uma rede feita a partir desses três sujeitos, o NEIMFA, o MABI e o pessoal do projeto de extensão da UFPE. Então o Observatório se somou a essa rede gerando a interface com a Rede de Valorização da Vida, o que potencializou ainda mais o desejo e a



capacidade de transformar a visão do Coque como um local perigoso, dando visibilidade as diversas formas de vida e de viver que os sujeitos dessa comunidade carregam consigo. (G2).

A noção de rede, mobilizada pelos sujeitos entrevistados, superava os aspectos institucionais ou meramente instrumentais. Conforme defende Ilse Scherer-Warren (1999), a rede para eles, era muito mais uma *rede associativista* que se constitui como um “conjunto de relações que se podem identificar entre diversos coletivos, gerando o chamado tecido social local” (p. 35) Esse tipo de rede tem um papel fundamental na democratização da esfera pública na medida em que tem como finalidade as interações entre grupos-sujeitos, formando movimentos e ampliando a capacidade reivindicativa das organizações. Um sinal dessa ampliação pôde ser registrado, durante as falas, no desejo de romper os limites (in)visíveis que cerceiam a comunidade do Coque, *ilhando-a*, como disse um dos entrevistados. Uma metáfora potente para explicitar que “*o Coque não termina no viaduto, não termina na estação Joana Bezerra. O Coque vai além disso, nos relacionamos além disso*”. (G3).

De acordo com nossos gestores e formadores, o PRVV promoveu diversas atividades (debates e apresentação de vídeos nas escolas da comunidade; passeios com os jovens do programa para diversos locais; e ciclos formativos na comunidade e na Universidade Federal de Pernambuco) importantes na ressignificação dos sentidos de viver a vida em uma comunidade periférica, proporcionando aos jovens outros olhares possíveis sobre seu próprio pertencimento ao Coque.

A gente abriu possibilidades de eles [os jovens] poderem se relacionar com outras pessoas, de eles frequentarem outros lugares né, de poder discutir assuntos, a gente foi pra praia, a gente foi pro teatro, a gente foi pro shopping, né. Tudo isso pra poder repensar a relação deles com a comunidade. (F1).

Assim, não casualmente, o PRVV no Recife priorizou ações no campo da comunicação social. Muito provavelmente por compreender que a comunicação permite fortalecer a construção de uma *opinião pública democrática* (HABERMAS, 2002) como forma de se contrapor aos processos de estigmatização existente em relação aos moradores dos espaços populares. Para eles, era “*preciso partir do discurso dado, pronto, aquele fabricado pela mídia*” (G1), para depois questionar as fontes de sua legitimidade, refletindo e construindo com os sujeitos novas práticas discursivas capazes de mover o enfrentamento “*dos problemas*



da vida e oferecer a possibilidade de instaurar uma comunicação solidária capaz de resistir ao tratamento preconceituoso em relação aos moradores das favelas” (F2).

O papel pedagógico-formativo da comunicação foi claramente indicado pelos gestores como

o meio de ação que, para nós, teve o maior potencial para encadear processos de aprendizagem, tanto individual quanto no nível coletivo. Foi principalmente por meio desse tipo de ação que o projeto alcançou seu nível mais elevado como pode se perceber nas atividades produzidas pelos jovens. (G2).

Dentre essas atividades, os gestores destacaram uma ação muito singular que eles denominaram de *Cine-Coque*. O *Cine-Coque*, na verdade, era uma adaptação do projeto *Cineclube Sem Tela*⁶ desenvolvido nas favelas do Rio de Janeiro pelo próprio *Observatório de Favelas*. Esta atividade consistia na exibição de filmes com temáticas relacionadas aos marcos conceituais do *PRVV*. As apresentações eram realizadas na praça de eventos da comunidade do Coque e aconteciam duas vezes ao mês. Após cada apresentação, os jovens participantes do programa promoviam um debate com as pessoas do bairro. O diferencial da ação no Recife era que esses debates foram filmados pelos próprios jovens que, a cada apresentação, iam montando uma espécie de documentário com as intervenções públicas dos moradores do Coque. Esse documentário, por sua vez, era exibido em outros espaços, como a Universidade Federal de Pernambuco e a estação central do metrô, onde os estudantes, professores e outros profissionais comentavam e interagiam com as falas dos moradores do Coque. Do mesmo modo, as intervenções eram filmadas pelos jovens e depois eram reapresentadas aos moradores da comunidade, criando um ciclo de diálogo e debates, ao mesmo tempo, virtual e presencial com fortes implicações políticas e pedagógicas pelas possibilidades abertas de confronto das visões de mundo e dos valores de sujeitos pertencentes a diferentes territórios da cidade, mas afetados por problemas comuns como a violência.

O pessoal daqui reelaborou uma ideia antiga, mas assim, que eles conseguiram fazer de uma maneira muito brilhante que foi o Cine-Coque. Ele pautava uma série de reuniões, justamente debatendo os marcos conceituais do Observatório de Favelas dentro e fora da comunidade. Foi

⁶ *Cineclube Sem Tela*: é um cineclube itinerante criado em 2007 pelo Observatório de Favelas, tornando-se um ponto de difusão digital na cidade do Rio de Janeiro.



uma iniciativa muito extraordinária. Gerou uma série de repercussões. (G1).

Na concepção de nossos entrevistados o *Cine-Coque* gerou muitos desdobramentos para o programa *Rede de Valorização da Vida*. Pois, os marcos conceituais passam a assumir um caráter mais concreto, digamos, mais existencial. Não se tratava apenas de debater, entre os jovens do programa, os significados daquela trama conceitual (direito à cidade, territórios periféricos, políticas públicas, direitos humanos, etc.). Através do *Cine-Coque* essas temáticas entravam em um novo *circuito* social e discursivo ao colocar em cena as próprias visões dos moradores sobre suas condições concretas de vida; percepções que eram continuamente postas em relação, gerando consensos e dissensos, com outras vozes e outros olhares oriundos de outras partes desse tecido extremamente complexo que é a cidade do Recife.

A gente sempre escolhia filmes que tivessem a ver com um determinado marco conceitual da Rede. E aí via o filme e debatia o marco na praça. Aí captava as falas de pessoas de outras comunidades, de outras organizações. Depois tudo isso voltava para a comunidade do Coque e os moradores, junto com os jovens, debatiam de novo o que as pessoas diziam sobre eles mesmos. Então essa experiência produziu frutos assim bem interessantes. [...] Foi realmente algo muito enriquecedor do ponto vista formativo. (G2).

A ideia de um trabalho de comunicação comunitária em rede foi essencial para a criação de novos conhecimentos e vínculos sociais, mas, sobretudo, para a promoção de uma visibilidade e uma discursividade pública ampliada em torno de problemas que, na maioria das vezes, são entendidos como específicos de determinados grupos sociais. É curioso que nos debates públicos, promovidos pelo *Cine-Coque*, foi se percebendo que muitos moradores do Coque também tinham uma visão simplificada e homogeneizadora dos seus jovens.

A reflexão coletiva dos cenários, da realidade e dos argumentos que cada um trazia no Cine-Coque acabava reverberando no que cada um entendia; era como se a gente estivesse também aprendendo a ouvir o outro né; aprendendo o que é que a gente tem pra dizer pro outro. [...] Até você perceber que dentro da comunidade tem modos de olhar preconceituosos, fechados, isso também foi importante. (G3).

Depreende-se, claramente, dessas falas, a centralidade do *olhar* a própria realidade a partir de uma relação comunicativa com outros olhares possíveis sobre a mesma realidade, e como essa experiência tem um papel formativo evidente tanto na dimensão pessoal quanto na



dimensão coletiva, gerando processos coletivos de aprendizagem vitais para a democratização dos espaços sociais.

Nessa mesma direção, o gestor (3) ressaltou que os debates e as reflexões realizadas nos ciclos formativos foram relevantes na construção do conhecimento tanto para o NEIMFA quanto para o *Observatório*.

Pois, essa possibilidade de diálogo inter e intrarredes sociais potencializam significativamente o foco e as estratégias metodológicas de intervenção das organizações sociais envolvidas.

A gente conclui dentro de uma metodologia interna, de uma série de instrumentos que nós registramos, que nós analisamos, que a Rede de Valorização da Vida, gerida pelo Observatório foi bastante subsidiada, digamos assim, por essa relação com o NEIMFA naquele lugar que é o Coque porque também eles atuam como rede né. (G3).

Uma *rede viva* na medida em que foi alimentada “*por um desejo mútuo de se encontrar. Então foi esse desejo que fez com que a gente chegasse mais perto dos problemas vividos pela comunidade, em geral, e pelos jovens e começasse a construir isso que hoje a gente chama de Rede Coque Vive e Rede de Valorização da Vida*”. (G1). Desse modo, é possível afirmar que as experiências que vem sendo desenvolvidas pelo encontro sinérgico dessas duas redes, através das relações que estabelecem entre si e com os jovens moradores do Coque, funcionaram de fato como um dispositivo pedagógico formador de uma *vontade* e uma *opinião pública* voltada para uma valorização efetiva da vida e não apenas como uma estratégia de regulação para atuar *sobre* a vida dos sujeitos envolvidos direta e indiretamente com as suas ações.

Isto é importante, pois torna evidente o papel político e pedagógico das redes sociais enquanto dispositivos concretos de ampliação e democratização da esfera pública, desde a mobilização da capacidade de fala e ação dos sujeitos que são formados nesse processo, e que, por sua parte e na mesma medida, renovam e estabelecem a sociedade como a totalidade de relações interpessoais ordenadas legitimamente. (HABERMAS apud BANNELL 2007, p. 293).

Em grande medida, através dos dados coletados verificamos que a escolha pelo NEIMFA como instituição responsável para implantação do *PRVV* Recife se deu também pelo fato dessa organização compartilhar os pressupostos implícitos da visão de ação em rede.



Nos termos dos nossos entrevistados, o NEIMFA foi escolhido por *seu jeito peculiar* de mover projetos sociais e educacionais na comunidade do Coque. De acordo com o gestor (1), o NEIMFA tem um trabalho completamente diferenciado de outras organizações sociais do Recife. Suas propostas formativas estariam pautadas na valorização da vida no sentido mais amplo, ou seja, pautada pela ideia de formação humana, o que confluía com os princípios do *Observatório*.

O NEIMFA ele, ele tem uma valorização da vida e da formação humana muito forte. Tanto é que ele tem uma base, uma consolidação na comunidade extraordinária. Então o NEIMFA ele traz todo esse repertório de estratégias, de formações, de saberes acumulados em relação a isso, é construídos assim, durante muitos anos. Não tem, assim, um olhar segmentado, mas holístico. Então é isso que o Observatório se encanta. (G1).

Segundo os gestores, o NEIMFA teria um acúmulo de experiências formativas materializadas em 25 anos ininterruptos de atuação na comunidade do Coque, priorizando em seus projetos uma perspectiva de formação humana integral e multidimensional. Suas ações têm como base o conhecimento das comunidades urbanas a partir do olhar dos sujeitos que vivem dentro dessas comunidades.

Além disso, sustenta de forma expressiva uma visão espiritualista e humanitária de mundo que tem se revelado, ao longo das últimas décadas, como algo fundamental nas ações que desenvolve dentro da comunidade.

Veja, eles têm assim essa visão espiritualista que é fundamental porque os moradores dessas populações se apegam de uma forma intensa a essa visão espiritual do mundo, a essa visão humanista do mundo né. E ao mesmo tempo esse apego, o que essa vivência espiritual te dá é fundamental pra às vezes suportar situações extremamente tensas desses lugares né. (G3).

A compreensão, portanto, é que o NEIMFA abarcaria um “*trabalho completamente diferenciado*” (G1), revelando aspectos importantes para o trabalho de *valorização da vida* que era o eixo articulador do programa. Na ótica dos gestores não se tratava, portanto, apenas de escolher uma organização preocupada com o enfrentamento da violência juvenil. Esse era um ponto consensual. Mas o enfoque diferencial estava em uma organização que tomava a vida mesmo como um campo de reflexão e intervenção social e pedagógica para lidar com as



demandas dos sujeitos moradores nos espaços populares. O gestor (1) ressaltou a importância dessa compreensão:

No NEIMFA há um cuidado extraordinário por cada ente, por cada pessoa que tá ali. [...] Tu pega o estatuto do NEIMFA tu vai encontrar isso. Tu pega o planejamento estratégico do NEIMFA tu vai encontrar isso. Tu pega os formadores do NEIMFA tu vai encontrar isso. Tu pega a cozinha do NEIMFA tu vai encontrar isso também. É surpreendente.

Em outra perspectiva, a escolha do NEIMFA esteve relacionada, segundo nossos entrevistados, ao modo como essa organização tematiza em suas práticas educativas o papel do vínculo social. Para alguns componentes do escritório do *Observatório de Favelas* no Recife essa dimensão foi fundamental na escolha por essa organização.

Então o que mais chamou a gente pra lá foi identificar o potencial do NEIMFA e de todo o movimento que circulava em torno. O NEIMFA tem um modo todo próprio de pensar a educação, de realizar suas ações na comunidade. Em todas as intervenções que eles realizam o vínculo tem um lugar especial. A gente sente que as pessoas estão próximas, de verdade, umas das outras. Eles têm uma característica bem específica que é a valorização dos vínculos, entre eles, e isso dá um tom bastante interessante aos projetos que realizam. (G2).

A partir dos relatos acima apresentados, é possível inferir que o modo peculiar de atuação do NEIMFA enquanto instituição social e *movimento em rede* possibilitaram ao *Observatório de Favelas* uma série de elementos para desejar implantar o *Programa Redes de Valorização da Vida* na comunidade do Coque. Dentre esses elementos, como dissemos acima, destacava-se a valorização da vida.

Tecendo algumas considerações finais

A partir dos dados coletados, é possível afirmar que a escolha pela organização social Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), como instituição responsável para desenvolvimento do *PRVV* no Recife, contribuiu de forma significativa para a construção de uma rede de interação, cujo eixo central era a visibilidade e a valorização da vida dos sujeitos periféricos.

Isto porque, nos termos dos nossos entrevistados, o *jeito peculiar* do NEIMFA mover projetos sociais e educacionais na comunidade do Coque, tem permitido que suas ações, de



fato, façam sentido existencial na vida dos sujeitos afetados por essa experiência. Pode-se perceber que, as atividades realizadas ao longo da implantação do programa, (debates e apresentação de vídeos nas escolas da comunidade; passeios com os jovens do programa para diversos locais; e ciclos formativos na comunidade e na Universidade Federal de Pernambuco) foram demais importantes na ressignificação dos sentidos de viver a vida em uma comunidade periférica, proporcionando aos jovens outros olhares possíveis sobre seu próprio pertencimento ao Coque.

Sendo assim, não se tratou, portanto, apenas de escolher uma organização preocupada com o enfrentamento da violência juvenil. Mas o enfoque diferencial estava em uma organização que tomava a vida mesmo como um campo de reflexão e intervenção social e pedagógica para lidar com as demandas dos sujeitos moradores nos espaços populares. Em grande medida, verificamos que a escolha por esta organização social, se deu também por fatores como: ter um trabalho completamente diferenciado de outras organizações sociais do Recife, na medida em que suas propostas formativas estariam pautadas na valorização da vida no sentido mais amplo, ou seja, pautada pela ideia de formação humana; ter um acúmulo de experiências formativas materializadas em mais de 25 anos ininterruptos de atuação na comunidade do Coque, priorizando em seus projetos uma perspectiva de formação humana integral e multidimensional. Tendo como base de suas ações o conhecimento das comunidades urbanas a partir do olhar dos sujeitos que vivem dentro dessas comunidades.

Além disso, sustenta de forma expressiva uma visão espiritualista e humanitária de mundo que tem se revelado, ao longo das últimas décadas, como algo fundamental nas ações que desenvolve dentro da comunidade.

Foi a partir deste contexto, que mobilizamos as análises habermasianas acerca da ideia de ampliação da esfera pública, bem como para o campo educacional. Pois, a educação, no seu pensamento, é entendida no sentido mais abrangente possível, acolhendo processos de formação social, cultural e científico, em todos os espaços onde acontecem. Logo, as instituições como a escola e outros espaços educativos, tem um papel formativo essencial tanto na dimensão pessoal quanto na dimensão coletiva, gerando processos de aprendizagem vitais para a democratização dos espaços sociais.

REFERENCIAS



BANNEL, Ralph Ings. Habermas: Racionalidade e Processos de Aprendizagem no Projeto da Modernidade In: PEDRO, Angelo Pagni; SILVA, Divino José da (Organizadores). **Introdução à Filosofia da Educação**. São Paulo: Avercamp, 2007.

_____. **Habermas e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FERNANDES, Lannes Federnandes; FERRAZ, Ana Flávia; SENNA, Ana Carolina (Org.). **Redes de Valorização da Vida**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica**: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. Tradução: George Sperber; Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Direito e Democracia**: entre facticidade e validade, volume II. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

LOPES, Silvia Regina Pontes. **Vida humana e esfera pública**: contribuições de Hannah Arendt e de Jürgen Habermas para a questão da anencefalia fetal no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

PRESTES, Nadja M. Hermann. **Educação e racionalidade**: Conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

PUCCI, Bruno et alli. **Teoria crítica e educação**: a questão cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

SCHÄFER, Karl H. e SCHALLER, Klaus. **Ciência educadora crítica e didática comunicativa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.